



JESUITAS BRASIL

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XVIII | Número 162 | Volume 19 | 2022

**O rio e a cisterna. Superar permanentemente
toda forma de teísmo**

Paolo Scquizzato

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XVIII | Número 162 | Volume 19 | 2022

**O rio e a cisterna. Superar
permanentemente toda
forma de teísmo**

Paolo Scquizzato

Padre diocesano na Diocese de Pinerolo– Itália

Tradução: Moisés Sbardelotto



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XVIII – Vol. 19 – Nº 162 – 2022

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Imagem da capa: Texture | Pxhere

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Tradução: Moisés Sbardelotto

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20. Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>. Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021). ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil



O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo

Paolo Scquizzato

RESUMO: Na perspectiva pós-teísta, por Deus não entendemos mais um ser de poder sobrenatural e de traços antropomórficos e patriarcais, onipotente e onisciente, criador, senhor e juiz, que intervém de fora deste mundo imperfeito e passageiro para cumprir a sua vontade divina. E por Deus também não entendemos mais um pai amoroso e justo que escuta as nossas súplicas, vem em nosso socorro e nos recompensará pelo mal que sofremos nesta vida, por mais dolorosa e até traumática que seja para nós essa ruptura da adesão afetiva à tranquilizadora figura de um deus pessoal. O paradigma pós-teísta pretende-se repensar a divindade a fim de poder voltar a dialogar com o mundo e com as ciências.

PALAVRAS-CHAVE: Teísmo. Pós-teísmo. Divindade. Teologia.



The river and the cistern. Overcoming all forms of theism

Paolo Scquizzato

ABSTRACT: In the post-theistic perspective, by God we no longer understand a being of supernatural power and anthropomorphic and patriarchal traits, omnipotent and omniscient, creator, lord and judge, who intervenes from outside this imperfect and transient world to fulfill his divine will. And by God we also no longer understand a loving father who listens to our prayers, comes to our aid and will reward us for the evil we suffer in this life, no matter how painful and even traumatic for us this rupture of affective adherence to the reassuring figure of a personal god. The post-theistic paradigm intends to rethink the divinity in order to dialogue with the world and with the sciences.

KEYWORDS: Theism. Post-theism. Divinity. Theology.



O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo

Paolo Scquizzato

Padre diocesano na Diocese de Pinerolo– Itália

*“Arrancar Deus do seu sequestro por parte do poder”
(Juan Arias)*

Como acredito que todos saibamos, com o paradigma pós-teísta pretende-se repensar a divindade a fim de poder voltar a dialogar com o mundo e com as ciências. Na perspectiva pós-teísta, **por Deus não entendemos mais um ser de poder sobrenatural e de traços antropomórficos e patriarcais, onipotente e onisciente, criador, senhor e juiz, que intervém de fora deste mundo imperfeito e passageiro para cumprir a sua vontade divina.** E por Deus também não entendemos mais um pai amoroso e justo que escuta

as nossas súplicas, vem em nosso socorro e nos recomendará pelo mal que sofremos nesta vida, por mais dolorosa e até traumática que seja para nós essa ruptura da adesão afetiva à tranquilizadora figura de um deus pessoal.

Dizer Deus como pessoa, segundo o modelo daquilo que somos, parece ser, de fato, no âmbito do paradigma pós-teísta, uma modalidade de pensar antropomórfica: **não podemos dizer nada sobre Deus, nem que é Pai, nem que é Mãe, nem que é pessoal e nem mesmo que é impessoal. Margarita Porete já afirmava, no século XIII, que “o único Deus verdadeiro é aquele sobre o qual não se pode pensar nada”.**

* * *

O deus teísta, a bem da verdade, parece ser apenas um pouco mais do que um ser humano, um coágulo de projeções e frustrações requintadamente humanas. No século IV a.C., Xenófanes tinha razão ao escrever: *“Os mortais imaginam que os deuses nasceram e têm vestes, voz e figura como eles. Mas, se os bois e os cavalos e os leões tivessem mãos ou pudessem desenhar com as mãos e fazer obras como as dos homens, o cavalo representaria os deuses semelhantes aos cavalos, e o boi, semelhantes aos bois, e fariam os seus corpos como aqueles que cada um deles tem. Os etíopes dizem que os seus deuses têm o nariz arrebitado e são negros, os trácios, que têm olhos azuis e cabelos ruivos”* (Elegias).

E nós, humanos, no fim das contas, construímos esse deus recentemente, se é verdade que, antes da revolução agrícola, uma dezena de milênios atrás, a imagem da divindade era feminina, energia fecunda, identificada quase *tout court* com a natureza.

* * *

Esse pequeno deus, pai-tutor do homem e da mulher do século XXI, parece cada vez mais inverossímil e, portanto, indiferente. Para dizer a verdade, há cerca de cinco séculos – desde as grandes descobertas científicas que, pouco a pouco, trouxeram à tona a longa história evolutiva do cosmos – esse deus já não corresponde mais às exigências do coração, porque é incrível para a razão. As antigas respostas, elaboradas por uma certa teologia no passado, não dizem mais nada hoje sobre as atuais perguntas de mulheres e homens que sabem que fazem parte de um imenso Universo, habitantes de um pequeníssimo planeta na periferia do cosmos, um grãozinho infinitesimal perdido em meio a 250 bilhões de galáxias.

Em suma, o homem e a mulher de hoje estão cientes de que se trata de ousar viver – como já havia intuído Hugo Grotius, humanista e jurista que viveu no início do século XVI – *“etsi deus non daretur”*, como se Deus não existisse, *“para ganhar maturidade e independência, liberdade e plenitude de vida. Esse é o único modo para renascer pela segunda vez, para ganhar uma ‘nova inocência’: é preciso decidir sair de uma vez por todas do ventre protetor da grande Mãe, ter a coragem de perder a própria inocência, sabendo que não a encontraremos mais”* (Massimo Diana, *Breviario Universale*, Vol.1).

A um deus que combate as guerras por nós, que está sempre do nosso lado e nunca do lado dos nossos inimigos, que cura – a seu total arbítrio – de modo *milagreiro* e que é capaz de *“nos salvar da condenação eterna”*, que crédito pode ser dado hoje por mulheres e homens que se tornaram adultos em um contexto cultural e teologicamente *outro* em relação àquele em que essas

concepções surgiram?

Um deus que, na nossa breve existência, faz tudo por nós não é um ser *bom* e *previdente*, mas simplesmente um *imenso genitor* que, de fato, impede que seus filhos amadureçam de maneira responsável.

Para os homens e as mulheres de hoje, uma coisa está cada vez mais clara: *aquilo que denominamos Deus não é e não pode ser a resposta para as próprias perguntas*, a muleta para as próprias insuficiências ou o preenchimento do próprio vazio existencial. Está ficando cada vez mais claro que Deus não é a entidade sobrenatural que vem em socorro de quem o invoca, a tábua de salvação em um mar de tragédias, a resposta à dor, o porquê de cada pergunta.

Em um breve texto de 1996, intitulado “*Quale Dio?*”, Paolo de Benedetti escreve na premissa: “*Se Deus existe, hoje mais do que nunca ele precisa de alguém que, se não sabe dizer quem ele é, pelo menos diga quem ele não é. No sentido de uma destruição (ou de uma tentativa de destruição) do ídolo metafísico e imperial que confundimos com Deus. A fé pode prescindir dessa operação, mas também pode sucumbir diante desse Deus que não existe*”.

Neste ponto, uma pergunta. Se esse pequeno deus se atenuou pouco a pouco com o amadurecimento da consciência humana, se esse deus “*serviu*” durante milênios para alimentar aquilo que é chamado de *religião* e fez, mesmo assim, um bom serviço, hoje, na época das incomensuráveis descobertas científicas, diante de grandes aquisições astronômicas, dos últimos estudos das neurociências, das incríveis revelações da física quântica que explicaram de modo radicalmente novo a posição do ser humano no Universo, é possível “*re-*

dizer” Deus, pensá-lo e falar sobre ele de um modo intelectualmente honesto e espiritualmente sério? Hoje, no século XXI, habitado por cristãos adultos, existem outros caminhos, outras modalidades para pensar o divino? É possível ao menos tentar uma discussão não preconceituosa sobre isso em nível teológico?

* * *

Acima de tudo, acredito que, diante da grande “*pergunta-Deus*”, se deveria assumir uma atitude de grande humildade, ou seja, renunciar às definições e às chamadas *verdades sobre Deus*.

* * *

O homem e a mulher espiritualmente maduros são aqueles que sabem que não podem se valer de definição nenhuma, não podem professar verdade apodítica nenhuma sobre aquilo que é denominado *deus*. Estão cientes de que a relação com a *divindade* é sempre uma tensão para a frente, nunca o gozo de um objeto ou o atingimento de uma meta. Sabem que estão lidando com a *verdade*, mas sem possuí-la; estão cientes de que fazem parte dela.

* * *

De fato, aquilo que chamamos de *verdade* não pode ser definido, pois é a própria vida, no seu desdobramento, no seu fluxo disruptivo, que continuamente se transforma, realizando-se.

* * *

Por isso, talvez tenha chegado o momento de ter a coragem de tomar o caminho teológico, cultural, intelectual necessário para ir além do *teísmo*, ajudando-nos

a redescobrir a sabedoria e as intuições proféticas de grandes teólogos e místicos de ontem e de hoje, ambos pertencentes ao cristianismo, assim como a outras grandes tradições espirituais. Aquilo que denominamos *deus*, servindo-nos de instrumentos totalmente insuficientes e limitados como as definições dogmáticas, é infinitamente redutivo em relação à *verdade*. Esta, a divindade, se assim quisermos nos expressar, está além de toda revelação.

Sim, a *divindade* está além de toda *revelação*, pois – como dito antes – é como um rio impetuoso que flui, e fluiu desde sempre – não teve origem – e fluirá sempre, porque a Vida não pode ter fim, mas apenas se transformar.

Toda religião, toda tradição espiritual, toda fé se banhou e está se aspergindo por um instante nesse rio. A *religião* é a manifestação histórica e cultural desse *momento* de imersão e corresponde apenas a um pouco de água que foi retirada do rio e colocada em uma cisterna. O grande erro seria confundir a água da cisterna com o rio, a totalidade. A parte com o todo. Mais cedo ou mais tarde, será preciso voltar ao rio para nele encontrar a água que sacia, vivifica e fecunda.

A religião é sempre um meio, nunca o fim. Sempre o recipiente, nunca o Todo.

* * *

“Na *Kena Upanishad*, parte da literatura hindu antiqüíssima, lemos: Quem diz ‘eu o conheço’ (Deus) não o conhece, e quem diz ‘eu não o conheço’ também não o conhece: somente quem diz ‘eu o conheço, mas não o conheço’ é quem o conhece. Esse é o homem do desejo. Deus não sacia a sua fome de uma vez por todas, mas lhe dá de comer e de beber dia após

dia, porque em Deus só existe o presente. A fome e a sede de Deus por parte do homem de desejo são sempre saciadas e sempre insatisfeitas. Por um lado, ele é rico e, por outro, é pobre. A sua pobreza é a sua riqueza, e a sua riqueza é a sua pobreza. Quem erroneamente tentou definir a Verdade não tem fome e sede de Deus. Quem pensa que Deus revelou tudo e que não há nada mais ainda a ser revelado não tem fome e sede da justiça de Deus. Toda religião dá uma certa visão em Deus e da relação entre Deus e a humanidade. Toda religião declara ter a plenitude da verdade. Mas a verdade está além de todas as religiões. A Verdade está além de todos os nossos sistemas intelectuais e de todos os nossos sistemas teológicos; a Verdade supera até mesmo as nossas Escrituras reveladas” (John Martin Kuvrapu, *Sulle acque dell’Oceano infinito*).

Um Deus pensado e definido simplesmente deixa de existir.

* * *

“O homem não deve se contentar com um Deus pensado. Porque, assim que o pensamento desaparece, desaparece também esse Deus” (Mestre Eckhart).

“Conhece-se melhor a Deus não o conhecendo” (Agostinho).

“O supremo conhecimento de Deus é conhecer Deus como desconhecido” (Tomás de Aquino).

Como mencionamos acima, o grave risco da religião sempre foi o de *identificar Deus* com um *ser específico*, alguém, como se fosse realmente um entre os muitos alguéns deste mundo. Com características, gostos, sentimentos, paixões.

Pensamo-lo como uma *pessoa* ou, melhor, como uma relação entre pessoas, a *Trindade*. E aqui Agosti-

nho – na sua monumental obra *De Trinitate* – lembra que: “Se perguntarmos o que são esses Três, devemos reconhecer a insuficiência extrema da linguagem humana. Certamente, respondemos: ‘três pessoas’, mas mais para não ficarmos sem dizer nada do que para expressarmos essa realidade” (Agostinho, *De Trinitate*, V, 9, 10).

Definir a divindade como *pessoa* levou a imaginá-la como *indivíduo*, pois, para o senso comum, *pessoa* e *indivíduo* são a mesma realidade.

Para nos tornarmos adultos, devemos renunciar a imaginar Deus também como Pai?

Sabemos que esse é um dado fundador da experiência de Jesus de Nazaré. Mas o que significa para nós chamar Deus de *Pai*? Que Deus se comporta conosco como um pai se comporta com seus próprios filhos? Que nos protege dos incidentes da vida? Que nos protege das agressões dos homens? Que nos conforta na angústia e no medo e nos socorre na doença?

Um saudável princípio da teologia afirma que *tudo o que dizemos sobre Deus devemos ao mesmo tempo negar, e aquilo que afirmamos e novamente negamos devemos infinitamente ampliar*.

No entanto, tudo o que dizemos sobre Deus é *pequeno demais* para indicar a sua realidade. Ao dizer que Deus é *pai*, deduzimos o significado dessa palavra a partir da *nossa experiência* que, por mais bela e grande que seja, sempre será limitada. Por isso, *Ele é* (como) um pai, mas não exatamente (como) um pai. Mesmo se dissermos que Deus ama como um pai, isso ainda não diz nada sobre quem ele é. Invocar a *Deus como pai* não diz tanto algo sobre ele, mas sim algo sobre nós que o invocamos, o nosso amor filial, a nossa confiança, o

nosso abandono à sua realidade.

* * *

A tradição judaica recorda: *“Todo discurso sobre Deus deve ser introduzido pela palavra que os antigos rabinos usavam: ki-vjakhol, ‘como se poderia [dizer]’, ‘se assim se pode dizer’”,* porque não há linguagem sobre Deus, nem mesmo a metafísica, nem mesmo a do *“totalmente outro”,* que não seja mítica. *“A Torá – diz o rabi Ishmael – fala segundo a linguagem dos homens”* (Sifré em Números 15,31). *“No Talmud, precisamente no primeiro tratado Berakhot (Bênçãos), 4a, há uma frase que eu amo muito: lammed leshonkà lomar: enì jodea. ‘Ensina a tua língua a dizer ‘não sei’, para que não ocorra de seres tomado por mentiroso’. Portanto, nós, ao falarmos com demasiada segurança sobre Deus, corremos o risco de sermos tomados por mentirosos: de fato, não podemos dizer coisas certas sobre Ele: podemos escutá-lo nas formas que são oximóricas, opostas. Diante do silêncio de Deus, o ‘talvez’ não significa: talvez Deus não exista, talvez Deus exista; em vez disso, significa: talvez eu tenha entendido por que ele se cala, talvez eu não tenha entendido, talvez seja bom se calar, talvez seja ruim. Em suma, é um talvez meu e um talvez d’Ele”* (Paolo de Benedetti, *Quale Dio?*).

* * *

Em um belíssimo livro de Hervé Clerc, *A Dio per la parete nord*, lemos: *“Não existe nenhuma razão questionável que nos obrigue a chamar de ‘Deus’ a essência das coisas. Podemos chamá-la de Brahman, ‘Espírito’ [...], Gottheit como o Mestre Eckhart, ‘Bem’ como Platão, ‘Real’ como alguns sufis, ou ‘face norte’. Não existe um nome universal. Um carvalho não é menos carvalho porque é*

chamado de oak em vez de roble. Pouco importa ao carvalho o nome que lhe dão. O nome não afeta o seu crescimento, a subida da seiva, a queda das folhas e das bolotas, a chegada do outono. Chamemos por um momento, se quiserem, de Isto o objeto da nossa busca. Finjamos que a palavra mais antiga para indicar a íntima essência das coisas, a palavra dos Upanishads que atravessou três milênios, é também a mais moderna. O que aprendemos sobre Isto ao término da nossa investigação? Isto é o real. [...] Isto é o verdadeiro real. Isto está escondido, secreto até, tão escondido que muitas vezes esquecemos que existe um segredo. Isto tem uma natureza uniforme não estratificada nem composta, Isto é a liberdade, núcleo do ser. Para além das nossas liberdades nacionais, políticas sociais das quais temos tanto zelo com razão, existe um absoluto da liberdade. No Ocidente, nós o esquecemos. Isto não é objeto de conhecimento, mas de experiência. Isto é estrangeiro, sem equivalentes no nosso mundo, fora de série. Caímos na esfera do Isto, somos apanhados por ele, dizem os mestres ioga. Como, por que, por quem, não se sabe. Alcançá-lo significa 'conseguir'."

DEUS COMO ENERGIA

Se Hervé Clerc identifica no termo *Isto* a Essência de todas as coisas, o *Ser dos seres*, aqui propomos outro termo para expressar, por sua vez, o mesmo conteúdo. E esse termo é *energia*. Conceber a *divindade* como *energia* pode nos ajudar a nos curar sobretudo do dano perpetrado durante séculos no Ocidente que é o *dualismo: céu-terra; natural-sobrenatural; alma-corpo, imanência-transcendência*.

A realidade é Una. Tudo é Uno. E, se existe um deus, só pode ser aquela energia imanente a tudo o que existe, o *Ser dos seres*, justamente – como Tomás

de Aquino chegou a dizer – ou a “*Anima mundi*”, para utilizar um conceito muito querido na época medieval: “*A Alma do mundo é uma energia natural dos seres pela qual alguns têm somente a capacidade de se mover, outros de crescer, outros de perceber através dos sentidos, outros de julgar. [...] Perguntamo-nos o que é essa energia. Mas, ao que me parece, essa energia natural é o Espírito Santo, isto é, uma harmonia divina e benigna que é aquilo a partir do qual todas as realidades têm o ser, o mover-se, o crescer, o sentir, o viver, o julgar*” (Guilherme de Conches, *Glosas ao Timeu de Platão*).

* * *

Portanto, a reflexão nos leva a postular a ideia de que não existe um deus lá em cima nos céus e depois a criação, o espírito e depois a matéria, a alma e depois o corpo. A física quântica está nos mostrando isso com evidências cada vez maiores. Tudo é *Uno*, e esse *Uno* é *um aglomerado de energia*.

“*Depois das minhas pesquisas sobre o átomo, eu lhes digo: a matéria em si não existe. Toda matéria nasce e consiste apenas mediante uma força, que leva as partículas atômicas a vibrarem e que as mantém unidas como este ínfimo sistema solar. No entanto, a partir do momento que, em todo o mundo físico, não existe uma força inteligente nem uma força eterna, nós devemos assumir, por trás dessa força, um espírito consciente inteligente. Esse espírito é o fundamento de todas as coisas materiais*” (Max Planck, conferência proferida em 1944).

* * *

O termo *energia* deriva da palavra grega *enérgeia*, *en-ergon*, que significa simplesmente aquilo que está em ação, em ato. Deus, portanto, pode ser entendido

como obra, ação, “combustível”, alma de todo o existente, tornando-o vivo e, por isso, em expansão, em tensão para o seu cumprimento.

No evangelho, Jesus diz: “*Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho*” (Jo 5,17). O texto grego usa o verbo *ergâzomai*.

“No cosmos e na história, Deus não faz nada mais do que as criaturas fazem. A força criadora não age ao lado ou no lugar das coisas ou das pessoas, mas as alimenta para que sejam e possam agir” (Carlo Molari).

O Papa Francisco, na carta encíclica *Laudato si'*, retoma esse conceito da ação criadora quando, no número 80, afirma: “*Deus está presente no mais íntimo de cada coisa sem condicionar a autonomia da sua criatura (...). Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser, é a continuação da ação criadora*” (esta última frase é de Tomás de Aquino, *Summa theologiae*, 1ª parte, questão 104, artigo 1, quarta resposta).

* * *

Vamos dar mais um passo. No quarto evangelho, o de João, fala-se de *Lógos*. O início do texto – que conhecemos muito bem – diz: “*En archè en o logos*”, “*No princípio era o Verbo*”.

A raiz de *lógos* deve ser buscada no verbo grego *légo*, infinitivo de *léghein*, que significa *juntar, reunir*. E também *falar*, pois, ao falar, *juntam-se* as palavras. Por isso, *lógos* também pode ser traduzido como “*palavra*”.

Lógos deve ser entendido, portanto, como princípio relacional unificador, força, energia que liga, mantém unidos os minúsculos constituintes individuais da matéria (hoje poderíamos falar de ondas e partículas) fazendo emergir sis-

temas – resultado de agregações – cada vez mais complexos e organizados. Em suma, a vida na sua incomensurável complexidade.

Pois bem, o *lógos* é a energia agregadora para que a vida possa avançar rumo ao seu cumprimento. E João está nos dizendo que, em tudo o que existe, habita esse princípio unificador, o “*princípio de bem*” que mantém unido e que faz emergir a vida rumo ao seu pleno florescimento. “*E o lógos era Deus*”, continua o prólogo. Essa energia é *divina*, princípio de bem, inteligente por ser vencedora sobre o caos, Amor edificante: “*Tudo foi feito por meio dele.*”

“*Dizendo Deus, nominamos a fonte e o porto do ser-energia, assim como a fonte da informação que permite que a energia se estruture em matéria organizada a ponto de se tornar vida, vida inteligente, vida como espírito criativo, autoconsciência*” (Vito Mancuso, *Io e Dio*).

Na base, como fundamento da vida, existe, portanto, uma força, uma energia que os cientistas chamam de “*informada*”, que faz emergir a própria vida na sua complexidade.

Já no início da história de Jesus, conhecia-se esse Princípio, que mantém tudo unido e faz emergir o bem e o justo, a lógica que produziu tudo o que existe, que nós chamamos de Deus, mas não é o Deus teísta, distante e juiz; é um Deus Amor, “que edifica” e habita todo o existente. Jesus é uma expressão disso, a sua manifestação histórica, um evento prodigioso, mas natural, possível, real. Toda a sua vida é a sua manifestação, revelação.

* * *

Parece-me que o termo *panenteísmo*, pelo que foi dito até aqui, é hoje, em nível teológico, a imagem que pode traduzir melhor a *realidade-Deus*.

Tentemos dar-lhe uma definição: *compreensão do mundo do universo como corpo divino sempre em desenvolvimento, no ato de criar, para que nada se separe dessa misteriosa criatividade*.

É o que se dizia um pouco antes: no *fundo* de todas as coisas, há uma energia, uma força, um fogo que dilata, leva adiante a própria criação. Talvez fosse melhor dizer: a realidade, a criação, tudo o que tem forma é manifestação daquilo que chamamos de Deus, assim como a matéria é a *manifestação* da energia.

E nós cremos que essa realidade fontal é relacional, e não puro solipsismo, tanto que denominamos esse centro energético – nós, cristãos – como nada menos do que Trindade, *jogo de relações*. E, a partir disso, cremos que esse *centro energético* é um *tu amante*, e é justamente por isso que nunca poderá ser definível como um *tu pessoal*, mas apenas reconhecível como *pessoa* por ser amante. Em suma, Deus não é apanágio do intelecto, porque dele – sendo amor – só pode se fazer experiência.

“Com efeito, por que ‘Deus’ deve ser um substantivo? Por que não um verbo: o mais ativo e dinâmico de todos?” (Mary Daly).

“Deus não está em um lugar ou em um tempo, mas todas as coisas estão n’Ele, e Ele está em todas as coisas” (Anselmo d’Aosta, *Proslogion*).

Tudo já está dado, já estamos participando dele. *“As pessoas o buscam longe, que pena! São como aqueles*

que, imersos na água, pedem desesperadamente de beber” (Hakuin Hekaku, mestre zen japonês, século XVIII).

* * *

Lembramos o que Paulo diz em Atos? “Nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28). E ainda o Salmo 138: “Por trás e pela frente me circundais. Se subo ao céu, lá estais; se desço aos infernos, aí vos achais.” E no Alcorão: “Para onde quer que vos volteis, lá está o rosto de Deus” (Sura 2,115).

Perguntou-se a uma criança: “O que é Deus para você?”. “Deus é como a internet”, foi a resposta. Genial. Já estamos imersos em um campo energético, em uma rede de conexões, devemos apenas nos conectar, abrir-nos pela via da consciência e seremos informados e transformados por esse princípio.

É por isso que é importante, com base em tantos grandes mestres, superar a dualidade, e, quando tivermos experimentado, mesmo que por um instante, o fato de sermos tudo no Todo, um no Uno, finalmente viveremos no presente escutando uma voz que nos dirá: “Isto és tu”: “Tat tvam asi”, como lembra a tradição hindu, ou “Tu és o meu filho, a minha filha, a minha manifestação predileta” (cf. Mc 1,11).

* * *

Sim, nós já somos “divinos”, um só com a divindade. Neste momento, nós e, junto conosco, a natureza, a criação inteira, estamos vivendo a fase da manifestação histórica e temporal da divindade. Somos a onda do oceano, mas também, no nosso ser mais profundo, essencialmente oceano.

Poderíamos nos servir de outros exemplos: pense-

mos no gelo e na água. São diferentes? É claro, mas o gelo é apenas uma manifestação temporária da água, apesar de ser essencialmente água. Retomemos o exemplo já citado antes, a energia e a matéria. A física quântica, como se disse acima, nos lembra que tudo é energia; a matéria é a sua manifestação, uma espécie de solidificação. É diferente? Certamente, embora seja sempre e de todos os modos apenas energia.

“Deus se encarna no cosmos. Ele e as suas encarnações – manifestações – estão unidos indissoluvelmente. Ele não se encontra ‘na’ sua encarnação, mas se manifesta ‘como’ encarnação. Manifesta-se na árvore como árvore, no animal como animal, no ser humano como ser humano e no anjo como anjo. Estes, portanto, não são seres além dos quais ainda haveria ainda um Deus que, por assim dizer, ‘se enfia dentro deles’, mas Deus é cada um desses seres individuais – e, ao mesmo tempo, não é, pois nunca se esgota em um deles, mas é sempre todos os outros também. É precisamente essa a experiência que o místico faz. Reconhece o cosmos como manifestação inteligente de Deus” (Willigis Jager, L’Onda è il Mare).

A ABORDAGEM MÍSTICA. ÚLTIMA ESTAÇÃO

O cristianismo sem mística permanece como crença superficial e acidental, senão até superstição (Marco Vannini, *La mistica delle grandi religioni*).

O caminho feito até aqui nos levou à necessidade de chegar às últimas consequências do discurso. E parece-nos que a última palavra sensata, ao nos perguntarmos “qual nome para qual deus”, é própria da mística.

O termo místico tem a mesma raiz de *mistério* e vem do verbo grego *myein*, que significa “fechar, calar”.

O místico é aquele que *fecha os olhos e a boca*, e, desse modo, *torna-se cada vez mais parte do Mistério* do qual já participa, e ali cresce, emerge.

Disse-se antes que, da *divindade*, só se pode fazer experiência. Ora, se isso é verdade, a questão é se tornar cada vez mais essa realidade. O místico, portanto, é aquele que *faz experiência do divino no qual está imerso*. Ele se dá conta de que o Isto que procurava fora de si, na realidade, já o habita. É Isto desde sempre, para nos remetermos ao texto de Hervé Clerc.

Nós já estamos na divindade, já estamos salvos, não podemos nos perder, não podemos acabar, mas apenas ser transformados.

Viver a dimensão mística significará, portanto, *superar toda alienação, toda separação*. É a simples consciência de ser no Ser, onde o eu não precisa de *salvação* nenhuma, porque já repousa no Todo.

E, nessa mesma dimensão, não faz mais sentido falar de *conhecimento de Deus*, pois, nesse caso, ainda se suporia um sujeito cognoscente e um objeto conhecido, e, portanto, ainda *dualidade, separação, alteridade*.

“Nada em Deus se conhece: ele é um único Uno, / Aquilo que nele se conhece, isso é preciso ser” (Angelus Silesius, *O peregrino querubínico*).

O místico não usa o *nome de Deus* como se fosse um *sujeito determinado*, capaz de realizar ações ou com características peculiares. Porque isso suporia que o *eu* que fala *de Deus* e o *Deus* em questão fossem duas entidades separadas.

É impossível, porque a verdade é o Uno, que é também o Todo, razão pela qual não faz sentido pen-

sar deus como *sujeito* (aquele que faz a ação) e *predicado* (aquilo que é feito, a sua ação), “Deus ama”, por exemplo. O místico sente que simplesmente faz parte do *Amor*. É amante no Amor. Este nada mais é do que *experiência do Espírito*.

Além disso, o místico é mulher e homem de fé, mas não pode ser definido como *crente*. A fé para ele é *experiência do Espírito no espírito, em que sujeito cognoscente e objeto conhecido são a mesma coisa, e não são nem mesmo uma “coisa”, mas sim um ser, uma vida, espírito, justamente*.

Enquanto o *crente* afirma uma verdade e pronuncia uma definição da divindade - *Deus é assim e assim* -, o místico vive apenas uma confiança inabalável, sabendo que *não sabe*; ele *não conhece*, ele experimenta a união e ponto final, apenas faz experiência do Espírito e, portanto, de ser tudo no Todo, um no Uno. Uma coisa só.

A experiência mística sabe que não devemos nos contentar com um Deus, porque há algo infinitamente superior a Deus, ou seja, a divindade, livre de definições e da qual só se pode fazer experiência, como o metal lançado ao fogo, em que já não se distingue mais entre fogo e metal. Dizer deus é tê-lo subtraído da sua verdadeira essência. Somente a *divindade* é o verdadeiro mistério, o inteligível, o impronunciável, o incognoscível.

Para o místico, essa *supradivindade* é “o Uno que engole em si mesmo toda alteridade”.

O místico, portanto, é *anti-idolátrico*: não possui Deus como objeto, está simplesmente imerso nele, participando dele. Em certo sentido, é *ateu*, pois está sempre além de toda apropriação do divino. Desse modo,



ele superou definitiva e irremediavelmente toda forma de *teísmo*, abandonou a religião e agora simplesmente faz experiência daquela que é chamada de *vida espiritual*.

Paolo Scquizzato



Paolo Scquizzato é padre diocesano há cerca de vinte anos. Trabalha e vive na Diocese de Pinerolo, na província da capital do Piemonte, onde atua na formação espiritual, sendo responsável pelo Escritório de Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso, área de grande interesse e estímulo. Segundo Scquizzato, “o diálogo com a diversidade enriquece e percebo cada vez mais que reunindo diferentes culturas e religiões minha humanidade se expande e minha fé se torna mais fecunda”.

ENTREVISTAS COM PAOLO SCQUIZZATO NO IHU

- [Ser um no uno. A tomada de consciência que conduz à mística e dá razão à existência. Entrevista especial com Paolo Scquizzato](#)

MATÉRIAS COM PAOLO SCQUIZZATO NO IHU

- [Arte e silêncio para experimentar a dimensão espiritual da vida](#)
- [Crer em Deus e crer em Jesus hoje a partir de um paradigma pluralista e pós-moderno](#)
- [Carta aberta sobre a dignidade de morrer em tempos de coronavírus](#)

EVENTOS COM PAOLO SCQUIZZATO NO IHU

- [Espiritualidade cristã em perspectiva pós-teísta](#)



CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões - Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoeético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislândo Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Elcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Silvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente –



- Massimo Faggioli
- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Ecclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica Laudato Si’ e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 Laudato Si’, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 Laudato Si’ e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro



- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Meneses
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesilogia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereich
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intelligi Ut Credas – Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública – Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica – Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I – O fim de um mundo? – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II – As dores do parto – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III – Vinho novo, odres novos – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? – Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão – Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura – Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais – Michael G. Lawler e Todd A. Salzman



- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo
- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Rylie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati

 UNISINOS